

SIMBOLISMO E PERSONIFICAÇÃO: UMA HISTÓRIA ENTRE CHAPÉUS E IDEIAS

*Symbolism and Personification:
A history between hats and ideas*

Gabriela Poltronieri Lenzi¹

Resumo

O chapéu é um elemento de moda carregado de valores tanto estéticos, distintivos e sociais quanto simbólicos e semânticos que, por sua vez, compõem uma parte relevante do estudo desse acessório de moda. Este estudo busca compreender e analisar a simbologia presente no acessório chapéu, bem como a sua correlação quando utilizado na montagem de personagens.²

Palavras-chave: Chapéu; simbologia; valor simbólico; personagem.

Abstract

The hat is a fashion element imbued with aesthetic, distinctive and social values, as well as symbolic and semantic ones, which, in turn, form a relevant part of the study on this fashion accessory. This paper aims at understanding and analyzing the symbology present in the accessory hat, as well as its correlation with character building when it is used for this purpose.

Keywords: Hat; symbology; symbolic value; character.

Introdução

Desde os tempos primitivos, por razões de proteção e distinção, o homem sentiu a necessidade de cobrir a cabeça. Por meio de gravuras em pedras, foi possível constatar que os Persas de Persépolis já usavam adornos na cabeça, feitos com uma tira de pano. (LAVÉ, 1989)

Embora possam ter função protetiva, os elementos de moda apresentam-se, geralmente, carregados de valores estéticos, distintivos e até artísticos. Um fator inquestionável presente nessas peças de vestir que desejam, muitas vezes, antes de serem vestidas, demonstrar e categorizar a identidade do indivíduo que

¹ Doutoranda em Ciências Sociais - Programa de Antropologia da Universidad de Salamanca. E-mail: <gabrielalenzi.design@gmail.com>.

² O presente artigo é derivado da Dissertação de Mestrado intitulada "MEMÓRIAS DE PESSOAS E DE CHAPÉUS EM BLUMENAU, BRASIL, E FLORENÇA, ITÁLIA", apresentada pela autora à Universidad de Salamanca em julho de 2014, sob orientação dos Doutores Ángel Baldomero Espina Barrio e Mario Helio Gomes de Lima.

as endossa é sua simbologia. Nesse contexto, o chapéu, como elemento de moda que é, não pode, certamente, ser visto de diferente forma.

A respeito do exposto, Fiorentini (2013) comenta que o chapéu é um elemento de valores simbólicos e semânticos extremamente complexos, isso desde o início das civilizações tidas como organizadas, deixando óbvio o poder ou a invulnerabilidade de seu proprietário, no campo civil, militar e religioso e determinando mesmo a configuração do divino, do escolhido, o imanente.

Assim sendo, pode-se, inclusive, mencionar que, antes mesmo de um objeto como o chapéu ser sinônimo de distinção, é elemento simbólico, ou seja, sua presença na composição do *look* determina identidade e sinais que comunicam sem necessitar de uma única palavra proferida.

Vestir um chapéu, segundo Vanni (2004a), é uma maneira de interagir com a sociedade, comunicando-se com ela. Quem sou? O que desejo expressar? Quem desejo atingir? Essas e outras perguntas estão incutidas dentro do chapéu, se refletindo no seu *design*, na sua cor, na sua forma e no seu estilo. Apoiando-se na afirmativa de Vanni (2004a), este estudo busca compreender, primeiramente, a simbologia presente no acessório de moda chapéu, bem como a sua correlação quando utilizado na montagem de personagens. Consiste em uma revisão bibliográfica cujo foco é o valor simbólico do acessório, tanto o usado no cotidiano quanto os escolhidos para personificação nos figurinos.

Sobre o chapéu, D'Incerti (2004, p. 129) assim se expressa:

In particolare il cappello, e più in generale ogni tipo de copricapo, venne da allora utilizzato innumerevoli volte come elemento non puramente descrittivo di uno status sociale o economico, ma come inizio espressivo del carattere, dello stato d'animo o perfino dell'indole dei vari personaggi³.

Para o autor, é notório que, para cada personagem, existe um chapéu e que cada chapéu traduz explicitamente o que o personagem deseja passar. Um exemplo que pode ser citado é o do personagem Caligari, do filme *O Gabinete do Doutor Caligari*, de 1920, com direção de Wiene, que usava um *top hat*⁴ de cor preta, o que gerava um aspecto sinistro e assustador.

À vista disso, o artigo conta com duas seções, mais as considerações finais, sendo a primeira uma revisão teórica e conceitual sobre o simbolismo

³ 'Especialmente o chapéu e, de modo geral, todos os tipos de adorno de cabeça, tem sido utilizado inúmeras vezes como elemento não puramente descritivo de *status* social e econômico, mas como indício expressivo de caráter, do estado de ânimo ou mesmo como a índole dos vários personagens.' (Tradução da Doutoranda)

⁴ Também conhecido como cartola, este chapéu teve seu apogeu por volta de 1860. No final do século XIX, ficou conhecida também por ser o chapéu dos magnatas. (DESIGN MUSEUM, 2011).

encontrado no chapéu e a seguinte, a análise de alguns personagens que escolheram o elemento como acessório comunicativo e simbólico.

O Chapéu Simbólico

Partindo do pressuposto de que o chapéu tem um inestimável pesar simbólico, busca-se, a princípio, por meio de autores, tanto conceituá-lo juntamente com seus simbolismos, quanto apresentá-lo como um componente da moda a ser nela incluído e analisado sob sua ótica.

Sahlins (1979), afirma que as roupas possuem vários níveis de produção semântica, sendo que a vestimenta, como um todo, é uma manifestação desenvolvida a partir da combinação de partes da indumentária em confronto com a vestimenta completa. A simbologia da vestimenta refere-se mais à comunicação expressa por ela do que à descrição de todos os conjuntos de regras em si. Para o autor, as unidades constituintes desse discurso do vestuário podem demonstrar certas definições sociais contrastado a elementos físicos no ato do vestir.

A moda e todos os seus elementos são considerados simbólicos e comunicativos, não somente nos dias atuais, mas desde os tempos primitivos: 'Desde hace miles de años el primer lenguaje que han utilizado los seres humanos para comunicarse ha sido el de la indumentaria'⁵. (LURIE, 1994, p. 21) Como exemplo, pode-se mencionar que um militar que usa seu tradicional *cap* comunica a todos que o veem que está a serviço da comunidade. Sem que ninguém precise falar uma palavra, a comunicação é feita por meio da vestimenta. Sem dúvida, a farda e o *cap* militar são símbolos que distinguem quem os usa dos demais cidadãos.

Vanni (2004a) assevera que um indivíduo que veste um chapéu tutela a própria identidade ou procura uma nova. Alterando o corpo com um chapéu, se transforma em uma pessoa diferente das outras, por meio de uma linguagem visual; de fato, o chapéu representa uma comunicação na interação social. O chapéu é visto como um condutor que exprime as ideias e os pensamentos que seu portador deseja manifestar. Segundo o *dicionário dos signos*, de Lexicon (1998, p. 54), o chapéu 'simboliza muitas vezes a cabeça ou os pensamentos; mudar de chapéu pode significar também mudar de ideia.

⁵ 'Por milhares de anos, a primeira linguagem que os seres humanos utilizaram para se comunicar foi a indumentária.'
(Tradução da Doutoranda)

Em conformidade com a afirmação anterior, Jung e Von Franz (1968) asseveram que a troca de chapéu poderia mudar o pensamento de tal modo a dar outra visão do universo para o indivíduo. Aquilo que o indivíduo é – a sua real identidade – poderia, na verdade, ser um segredo e, se um simples chapéu não pode ser suficiente para definir essa identidade, pelo menos poderia contribuir para desvendar o seu estado de ânimo.

O personagem Conrado, por sua vez, no conto de Machado de Assis (1884, p. 51), *Capítulo do Chapéu*, vê esse objeto como uma prolongação da cabeça, sendo difícil trocar de chapéu sem que haja mutilação, pois, para ele, ‘o chapéu é uma integração do homem.’ O capítulo mencionado ilustra a relação simbólica entre o chapéu e seu portador, ou seja, a união que vai além da materialidade e da função protetiva, social ou de usualidade, pois o acessório está diretamente ligado aos pensamentos e ao mundo das ideias, sendo visto como integrante do corpo que o veste.

Vanni (2004b) foi outro autor que dedicou o primeiro capítulo de um de seus livros, *Identità e Diversità – Il cappello e la creatività*, à explanação dos valores simbólicos contidos no chapéu. O acessório, nesse caso, representa a cabeça e os pensamentos e é símbolo de identidade. Certamente, o primeiro chapéu nasceu simplesmente para cobrir a cabeça do frio, mas, logo depois, foi usado propriamente como *status symbol*⁶. Representa, também, prestígio e poder, como se pode ver no símbolo de uma coroa.

Já em 1695, no atelier de Nicolas de Larmessin, é produzida a incisão ‘O hábito do chapéu’, que já delinea o símbolo metafórico do chapéu e o seu uso, seja como modelo de um sistema, seja como o cruzamento de referências simbólicas que multiplicam os significados. (VANNI, 2004b) O mesmo autor menciona, também, que o chapéu de mágico possui seu valor simbólico, pois a forma de cone desse chapéu é originária dos chapéus dos sacerdotes orientais. Já, o chapéu do artista de rua, utilizado para recolher dinheiro após a apresentação, simboliza apreço ao público. (VANNI, 2004b) O chapéu e sua simbologia fogem das análises que os consideram unicamente como fenômeno estético de moda ou social, como já visto no decorrer desta seção. Nesse sentido, cita-se Freud (2004) que, em seu livro *The interpretation of dreams*, toma o chapéu como símbolo interpretativo da psicanálise, ao relatar o sonho de uma

⁶ ‘Símbolo de *status*’. (Tradução da Doutoranda)

jovem senhorita que sofre de agorafobia e se descreve caminhando pela rua vestindo um chapéu de palha com peculiar *design*. Para Freud (2004, p. 96), no sonho relatado, 'The hat is really a male genital, with its raised middle piece and the two downward hanging side pieces.'⁷ Nesse caso, Freud interpreta o chapéu como símbolo fálico que, ao estar presente no sonho da jovem, expressa seus desejos mais íntimos.

O Kipá, utilizado pelos judeus, tem o intuito de lembrar o praticante da onipotência divina e conscientizar de que a humildade é a essência da religião. Para os judeus, um homem deve vestir-se com dignidade, já que foi criado à imagem e semelhança de Deus. Por isso, a cabeça, como fonte da moral, representa a parte mais importante do corpo humano. O Kipá serve como um lembrete de que existe alguém maior sobre as pessoas, que está sempre observando os seus atos. Ao utilizá-lo, os judeus se recordam de refletir sempre mais sobre seus comportamentos e ações. (RELIGIÃO JUDAICA SÍMBOLOS, 2014).

Ainda sobre o simbolismo do chapéu, Prata (1996, p. 69) entende que esteja presente tanto no seu uso quanto na aplicação da palavra por meio de provérbio e verbetes. O dito popular 'é de tirar o chapéu', por exemplo, simboliza que é digno de admiração e que se deve curvar diante da situação apresentada. Foi proclamado pela primeira vez no século XX, na peça *O juiz de paz na roça*, do dramaturgo Martins Pena, por um personagem que, ao ver uma mulata passar, disse: 'Esta mulata é de tirar o chapéu'. Na peça, a expressão se referia a "tirar a virgindade" da moça e, somente com o tempo, outro rumo.

Por sua vez, o cumprimento de levantar o chapéu, reconhecido ainda hoje, corresponde a abandonar um indivíduo pelo qual se tem apreço, mas também à submissão, semelhante ao ato de beijar a mão. Destaca-se, ainda, que, uma vez tirado da cabeça, o chapéu se transforma em recipiente físico e psicológico, preenchendo-se de coisas ilógicas, como ocorre quando é utilizado para capturar borboletas e colher flores, bem como para *guardar coelhos*, no caso da cartola. (VANNI, 2004b).

Outro aspecto a se considerar é que um chapéu sem cabeça remete à saudade, à falta e ao vazio e que nada é mais impessoal que um chapéu parado, estático, colocado na chapeleira. Partindo-se do pressuposto do valor

⁷ 'O chapéu é, na verdade, um genital masculino, com sua parte do meio levantada e as duas partes laterais penduradas para baixo.' (Tradução da Doutoranda)

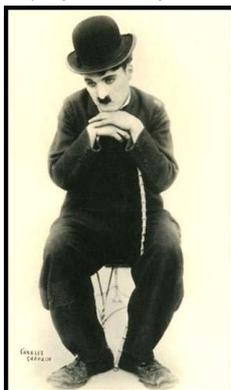
simbólico do elemento, pode-se dizer que, ao tirá-lo e ao excluí-lo do uso, deixa-se não somente de usar um acessório material da moda, mas também se passa a permitir que as ideias fiquem paradas. Portanto, analisar o chapéu do ponto de vista simbólico o contextualiza juntamente com o seu valor social e comunicativo. Observá-lo somente pelo ângulo material faria com que uma parte relevante desse acessório fosse desconsiderada e omitida. Esta é a parte do chapéu que ainda é lembrada pelas pessoas, seja por provérbios, simbolismos religiosos ou psicológicos.

O Chapéu e seus Personagens

A análise do design e do estilo do chapéu, ou seja, de sua simbologia, aponta que diversos personagens criaram sua identidade por meio desse elemento. Porém, não se tratará unicamente de personagens de ficção, mas também de personagens públicos e políticos que se identificam por meio desse elemento de moda.

O filme *Chaplin*, de 1992, dirigido por Attenborough e protagonizado por Downey Jr., ilustra o exato momento em que Chaplin encontra seus dois principais adereços – a bengala e o chapéu –, assim se transformando em Carlitos, um dos personagens mais estimados e conhecidos do cinema (Figura 1). Chaplin (1966, s/p), no seu livro *História de minha vida*, descreve esse instante: ‘No caminho do camarim, disse para mim mesmo que iria colocar uma calça extremamente larga, um paletó apertado, um chapéu-coco e sapatos enormes.’ O ator relata que desde o instante em que se vestiu, as roupas e a maquiagem o fizeram sentir quem ele era e que, quando entrou em cena, estava totalmente criado.

Figura 1: Charlie Chaplin como Carlitos (<http://www.pinterest.com/pin/23010648067158115/>), 2014



Com seu chapéu coco, Carlitos, personagem de Charles Chaplin, identifica-se como um inglês do início do século passado: calças largas e curtas, paletó apertado, “bigodinhos” e bengala.

D’Incerti (2004) explicita que uma das práticas que o cinema herdou do teatro foi o cuidado na escolha do figurino. Mas não demorou muito para a indústria cinematográfica se dar conta de que, graças ao uso do primeiro plano da câmera, cada peça de roupa ou acessório poderia assumir a conotação psicológica dos personagens, diferente do teatro, que possuía um peso e uma importância maior no ato de representar. Por esse motivo, os figurinos e adereços passaram a ser ainda mais evidenciados, pois as tomadas das câmeras usadas no cinema poderiam extrair cada pequeno detalhe presente nas peças, ajudando, assim, o ator na sua própria personificação.

As películas e os personagens que evidenciam o chapéu são inúmeros, em especial no cinema antigo do início do século passado. Pelo motivo já citado, o chapéu é um dos adereços que mais caracteriza o personagem, em especial, nas tomadas de câmera. O chapéu encontra-se presente nos mais variados lugares e contextos, particularmente quando um personagem deseja ser reconhecido e transmitir instantaneamente sua mensagem.

A Rainha Elizabeth II, por exemplo, é conhecida por seus chapéus elegantes, com abas médias, que acompanham a cor da roupa e todos os outros acessórios, tudo geralmente em tons pastéis. Sua Majestade nunca buscou ser ícone de moda. Seus chapéus, no entanto, passaram a ser conhecidos e considerados como um ponto de distinção da Rainha. Porém, na Inglaterra, não somente a Rainha Elizabeth II é considerada um ícone do chapéu. A Princesa Diana, nos anos de 1980, usava chapéus desenhados por Somerville, o chapeleiro da família real. (DESIGN MUSEUM, 2011). Atualmente, a coroa Inglesa representa o chapéu por meio da Duquesa de Cambridge, Kate Middleton. Enquanto o chapéu se encontra esquecido pela maioria das pessoas, Kate aparece com casquetes e *fascinators* que a identificam como uma mulher elegante e de personalidade. Após as primeiras aparições de Kate Middleton, o chapéu foi revisto, inclusive por profissionais da moda. (CARTAXO, 2012).

Na música, especialmente analisando o cenário brasileiro, um nome a ser destacado é o de Carmen Miranda, cantora e atriz luso-brasileira. “*Tem torso de seda tem!*” Essa foi a primeira resposta para a pergunta “*O que que a*

baiana tem?”, música de Dorival Caymmi interpretada por Carmen Miranda na década de 1940. Segundo Garcia (2004, p. 108), “(...) o torso de seda é o chamado turbante. De origem afro-islâmica, no candomblé o torso indica, conforme o modo que é dobrado, divindades e hierarquias’, sendo ainda, esteticamente útil, ‘quando as filhas de santo, iniciadas no culto, raspam o cabelo.’ Como um signo ideológico do Brasil, Carmen Miranda não deixou de usar um dos objetos que mais caracterizam um personagem. O turbante⁸ de frutas e flores tropicais de Carmen Miranda (Figura 2) é, até hoje, um dos símbolos mais lembrados por estrangeiros quando pensam no Brasil e sobre ele falam.

Figura 2: Carmen Miranda (<http://www.pinterest.com/pin/53621051782956587/>), 2014.



O exposto permite afirmar que o chapéu está presente em diversos personagens que marcaram a história. Atores, *cartoons*, políticos, heróis, cantores, músicos, formadores de opinião e símbolos icônicos fizeram parceria com esse adorno, reconhecidos imediatamente pelo chapéu que usam. O chapéu é o protagonista do vestuário quando a personificação é criada. De acordo com Bananni e Bitossi (apud NICOLINI, 2006, p. 8), ‘Niente, qualifica meglio un’epoca, una moda, di quei preziosi particolari, complementi dell’abito, che chiamiamo accessori.’⁹

O personagem é tão importante para o chapéu como o chapéu é importante para o personagem: um leva o outro aonde se deve chegar, sejam

⁸ Para Vanni (2004c, p. 35), a palavra chapéu deriva do latim *cappa*, que significa *capuz, manta para cobrir a cabeça*. Quanto ao objeto, Laver (1989) o define como toda ornamentação que é usada para cobrir e adornar a cabeça, citando coroas, capacetes, laços, gorros e turbantes. Longoni (2003) concorda com Laver, considerando o capacete de motocicleta de hoje um chapéu atual. Na mesma direção, Fiorentini (2013) vê o chapéu como um acessório de moda e menciona o capuz como chapéu. Portanto, de acordo com as considerações realizadas por esses autores, parte-se do princípio de que o chapéu pode ser todo e qualquer elemento que adorne e cubra a cabeça.

⁹ ‘(...) nada qualifica melhor uma época, uma moda, do que os preciosos particulares, complementos do vestir, que chamamos de acessórios.’ (Tradução da Doutoranda)

tempos passados ou futuros, lugares e identidades distintas, sensações e sentimentos que desejam ser passados. O personagem veste o chapéu, e o chapéu identifica o personagem.

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo compreender o chapéu a partir de uma ótica semântica e simbólica tanto em seu uso cotidiano, bem como na escolha do elemento e seu *design* adequado na montagem um personagem. Para isso, reuniu autores e conceitos de outras áreas, como da antropologia, da psicanálise e da literatura. Tal diversidade disciplinar fez-se necessária para obter a compreensão da simbologia do chapéu e para analisar o todo em que o elemento se insere. Além disso, concluiu-se que o chapéu ultrapassa as fronteiras da estética e do social e adentra o simbólico, como também que essa é a parte que permite que o acessório seja incluído em diversos campos de estudo e por eles analisado.

Sem sua análise simbólica, o chapéu perde uma alíquota relevante de seu existir, estando ligado à região considerada mais relevante do corpo humano: a cabeça. A cabeça não somente é detentora do rosto de cada indivíduo, que é único e inimitável signo de identidade, mas também da mente, caixa de pandora exclusiva de cada personalidade. Nela, guardam-se as ideias, os ideais, os sonhos, a personalidade, os sentimentos e o que se decide esconder ou mostrar. Na mesma cabeça detentora do chapéu, encontra-se, inclusive, a decisão de qual estilo usar ou de simplesmente não usar. Mas a cabeça está sempre presente, um porta-chapéus perfeito, nascida para isso.

Cada personagem representado por um chapéu soube ler o *design* do elemento e assim compôs seu figurino. Essa composição simbólica e estética liga os traços da personalidade desse personagem, facilitando, assim, a demonstração e a compreensão imediata do outro com esse expoente.

Referências Bibliográficas

APRIL JOHNSTON. *Charlie Chaplin*. Disponível em: <<http://www.pinterest.com/pin/23010648067158115/>>. Acesso em: 22 fev. 2014.

ATTENBOROUGH, R. (Diretor). Downey Jr., R. (Protagonista). *Chaplin*. [Filme], 1992.

- CARTAXO, G. *Kate Middleton ganha prêmio por divulgar o uso de chapéus*. 3 fev. 2012. Disponível em: <<http://mdemulher.abril.com.br/cabelos/reportagem/segre-do-das-estrelas/kate-middleton-ganha-premio-divulgar-uso-chapeus-676107.shtml>>. Acesso em: 10 abr. 2014.
- CHAPLIN, C. S. *História da minha vida*. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1966. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/rumores/article/viewFile/7677/7066>>. Acesso em: 10 abr. 2015.
- D'INCERTI, D. Il cappello nel cinema: dal dottor Caligari al dottor Zivago. In: VANNI, M. (Org.). *Identità e diversità. Il cappello e la creatività*: a cura de Maurizio Vanni. Siena: Carlo Cambi Editore, 2004. pp. 129-137.
- DESIGN MUSEUM - Fifty hats that changed the world. UK: Conran Octopus, 7 mar. 2011.
- FIORENTINI, A. Tanto di Cappello! Piccola antologia dia forme e stili Del novecento Hats off to you! Short anthology of 20th century hat shapes and styles. In: *IL CAPPELLO THE HAT: fra art e stravaganza between art and extravaganza*: a cura di Simona Fulceri & Katia Sanchioni. Firenze: Sillabe, 2013. pp. 21-40.
- FREUD, S. *The interpretation of dreams: The complete and definitive text*. Digireads. com Publishing, 2004.
- GARCIA, T. C. *O "it verde e amarelo" de Carmen Miranda (1930-1946)*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2004.
- JUNG, C. G.; VON FRANZ, M.-L. (Ed.). *Man and his symbols*. Random House LLC, 1968.
- KERBER, A. Carmen Miranda entre representações da identidade nacional e de identidades regionais. *ArtCultura*, v. 7, n. 10, 2005. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/1288>>. Acesso em: 10 abr. 2014.
- KUBRICK, S. (Produtor). *Laranja mecânica*. [Filme], 1971.
- LAVER, J. **A roupa e a moda**: uma história concisa. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LEXICON, H. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Cultrix, 1998.
- LURIE, A. *El lenguaje de la moda: una interpretación de las formas de vestir*. Barcelona: Paidós, 1994.
- MACHADO DE ASSIS, J. M. *Histórias sem data*. Rio de Janeiro: Garnier, 1884. (Cap. 7)
- MUSEO DELLA PAGLIA DI SIGNA DOMENICO MICHELACCI. *Il cappello nel Cinema*. 25 marzo 2014. (Documentário). Disponível em: <<http://www.museopaglia.it/sezioni/news.php/>>. Acesso em: 10 abr. 2014.
- NICOLINI, A. M. *L'arte di fare I cappelli*. Firenze: Polistampa, 2006.
- PETRAUSKAS, L. *Character design: Carmen Miranda*. Disponível em: <<http://www.pinterest.com/pin/53621051782956587/>>. Acesso em: 22 fev. 2014.
- PRATA, M. *Mas será o Benedito?: dicionário de provérbios, expressões e ditos populares*. São Paulo: Globo Livros, 1996.
- RELIGIÃO JUDAICA SÍMBOLOS: Por que os homens judeus usam uma kipá (solidéu)? Disponível em: <<http://www.webjudaica.com.br/religiao/textosDetalhe.jsp?textoID=32&temaID=6>>. Acesso em: 10 abr. 2015.
- RUOCCO, R. *Manuale di antropologia della moda*. Tricase: Libelula, 2012.
- SAHLINS, M. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- VANNI, M. Creatività, espitazione, consapevole illusione e il cappello de carta. In: VANNI, M. (Org.). *Identità e diversità. Il cappello e la creatività*: a cura de Maurizio Vanni. Siena: Carlo Cambi Editore, 2004a. pp. 43-50. (III Cap.)
- VANNI, M. Storie, simboli e berretti da notte. In: VANNI, M. (Org.). *Identità e diversità. Il cappello e la creatività*: a cura de Maurizio Vanni. Siena: Carlo Cambi Editore, 2004b. pp. 35-42. (I Cap.)
- WIENE, R. (Diretor). *Das Cabinet des Dr. Caligari. O Gabinete do Doutor Caligari (PT/BR)*. [Filme]. Alemanha, 1920.